



**A ATUAÇÃO DAS COMUNIDADES
ECLESIAIS DE BASE (CEB) EM VOLTA
REDONDA (1967-1979)**

**THE ROLE OF BASIC ECCLESIAL
COMMUNITIES (CEB) IN VOLTA REDONDA
(1967-1979)**

Paulo Célio Soares

Mestre em História Social, professor do Centro Universitário Geraldo Di Biasi (UGB), Centro Universitário de Barra Mansa (UBM) e Instituto Diocesano de Teologia Monsenhor Barreto (IDT).

E-mail: paulocelio@hotmail.com

RESUMO

As comunidades eclesiais de base (CEB) representam um importante momento na vida da Igreja. Em Volta Redonda, essas comunidades adquiriram especial destaque. Antes de seu nascimento, a atuação da Igreja na cidade pautava-se pelo estrito apoio aos grupos dominantes. A chegada de D. Waldyr Calheiros em 1966 alterou profundamente esse quadro, quando a Igreja, a partir de sua base, estimulando a criação das CEB, passou a apoiar diversos movimentos contestatórios da sociedade civil.

PALAVRAS-CHAVE

Comunidades eclesiais de base (CEB); Igreja Católica; Grupos dominantes; Volta Redonda; Sociedade civil.

ABSTRACT

The christian base communities represent an important moment in the life of the Catholic Church. Such communities have become specially strong in Volta Redonda. Before the organization of the CEB the rule of the Catholic Church in Volta Redonda gave total support to the dominant groups. The arrival of D. Waldyr Calheiros in 1966 brought a significant change when the Church, from its base, started to give support to contesting civil society organized groups, stimulating the creation of CEB.

KEYWORDS

Christian base communities; Catholic Church; Dominant groups; Volta Redonda; Civil society.

1. INTRODUÇÃO

As comunidades eclesiais formam este povo em marcha; sua existência lança um desafio à hierarquia, que monopolizou em suas mãos todo poder sagrado, para que ela se entenda como serviço; não como poder que se exerce a partir do próprio poder, mas como mediação para a justiça, a fraternidade e a coordenação do povo (BOFF, 1981, p. 185).

O presente artigo discute a importância e a atuação das comunidades eclesiais de Base (CEB) na cidade de Volta Redonda, no período de 1967 a 1979. Essas comunidades surgiram apresentando novas perspectivas de ação dentro da Igreja Católica, e, quando assumidas por importantes setores desta instituição, como concretamente ocorreu nessa diocese, a partir do bispado de D. Waldyr Calheiros, este transformou sua estrutura, renovando-a e colocando-a em contato com a realidade social e os problemas da sociedade contemporânea.

Este trabalho se faz pertinente haja vista que a Igreja Católica em Volta Redonda viveu uma rica experiência com a organização das CEB. No período aqui abordado, a cidade era marcada pela forte presença do Estado, materializada na usina da Companhia Siderúrgica Nacional, marco da industrialização brasileira, bem como pela proximidade com centros de poderes militares como a Academia Militar das Agulhas Negras (Aman) e o 22º Batalhão de Infantaria Motorizada (Bimtz), e a Igreja Católica local, por meio das CEB, colocou-se em oposição a esses poderes estabelecidos e organizou as lutas da sociedade local contra a ditadura em vigor. Esse intenso processo de renovação pastoral iniciado por D. Waldyr e os embates travados contra a ditadura militar ganharam elevado destaque externo.

Inicialmente, abordaremos a importância e as mudanças provocadas pelo fenômeno CEB na vida da Igreja Católica. Logo depois, apresentaremos como essas comunidades se organizaram e atuaram em Volta Redonda, gerando um forte movimento de mobilização popular.

2. A IMPORTÂNCIA DAS CEB NA IGREJA CATÓLICA

Caramuru (1967), numa das primeiras abordagens sobre o tema, afirma que as CEB surgiram da necessidade sentida por muitos de uma ação pastoral evangelizadora mais ampla e mais intensa, e de uma comunidade de Igreja que possibilitasse aos cristãos uma participação responsável na realidade social. Nas CEB, os cristãos assumiram sua parcela de responsabilidade como cidadãos do mundo e responsáveis também pela sua transformação.

O nascimento dessas comunidades faz surgir um novo modo de ser Igreja: descentralizada. As CEB abriram amplo espaço para a participação dos leigos na Igreja, colocaram-na em contato com o povo e, principalmente, reconheceram neste o grande motor de sua ação, como sujeito e agente de sua própria história, com suas dificuldades, erros e acertos. Além disso, desenvolveram também um amplo processo de educação popular¹. Essa nova Igreja foi assumida por amplos setores comprometidos com um maior engajamento pastoral e social, e principalmente por meio da Teologia da Libertação, fundamento teórico das CEB. Eicher (1993, p. 886) explica que as comunidades eclesiais de base constituem a instância na qual Igreja e teologia nascem de maneira nova.

As CEB, na verdade, constituem uma experiência eclesial muito complexa e diversificada, que, principalmente nos últimos anos, vem sendo muito discutida e debatida. Evidentemente que os grupos conservadores e reacionários que sempre acreditaram em uma igreja hierárquica, apegada às tradi-

¹ O papel educativo é certamente uma das características marcantes das CEB. Vários autores defendem essas comunidades como o mais vasto trabalho de educação popular não promovido pelo Estado no século XX, no Brasil (WANDERLEY, 1981).

ções e ao poder estabelecido, de todas as formas possíveis se opõem a esse processo de transformação e abertura.

Grandes dificuldades se impuseram e ainda são impostas ao trabalho de evangelização e organização popular iniciados por essas comunidades. No momento atual, o modelo proposto pelas CEB recebe críticas e retaliações, principalmente pelos setores conservadores da Igreja, alinhados a Roma e ao movimento conservador que levou João Paulo II ao papado em 1979, iniciando um movimento de “retração” no interior da Igreja, contendo as forças progressistas (PAIVA, 1984). Porém, apesar de inúmeras dificuldades, a caminhada prossegue, e, como testemunhos dessa prática transformadora das CEB, não se poderia, de forma alguma, deixar de fazer memória aos que sofreram por sua opção a favor do Evangelho e que entregaram a vida pela causa da justiça e dos pequenos, e a tantos outros que levaram até o fim o seu projeto de um mundo melhor.

A diocese de Volta Redonda, desde a chegada de D. Waldyr, em dezembro de 1966, articulou uma grande mudança em relação à sua prática anterior, cujo resultado, segundo Hotzz (1999), foi a estruturação de uma Igreja engajada, reconhecida pelos trabalhos que desenvolve no campo das lutas sociais, constituindo-se num polo articulador e mobilizador da sociedade na luta pela recuperação dos espaços organizativos das classes populares – sindicatos, movimentos populares e urbanos etc.

3. AS CEB NA CIDADE DE VOLTA REDONDA

As CEB em Volta Redonda inserem-se num fenômeno que merece ser mais bem analisado e pesquisado. O resgate da história desse movimento significa também o resgate de um modelo de Igreja popular e de uma organização social que marcou profundamente a história da região sul-fluminense e também da Igreja Católica no Brasil. O modelo implantado em Volta Redonda e a ação dessas comunidades eclesiais nessa cidade serviram e ainda hoje servem de parâmetro a muitas outras dioceses brasileiras.

De acordo com Teixeira (1988), a Igreja de Volta Redonda foi uma das pioneiras na organização das CEB no país,

antecipando uma nova postura e organização pastoral que resultaram numa prática social de compromisso com as classes dominadas. Destacam-se, nesse contexto, a organização da cidade de Volta Redonda como paróquia única em 1969² e a rede de comunidades então organizada. Com esse novo modelo, substituiu-se a estrutura paroquial tradicional e, numa época de crescente autoritarismo político, unificou-se a atuação da Igreja Católica na cidade, obtendo-se maior capacidade de resistência às arbitrariedades e violações dos direitos humanos cometidas pelos militares (OLIVEIRA, 1997). Nesse modelo de paróquia única, as decisões eram tomadas pelo bispo, por religiosos e agentes de pastoral, descentralizando as decisões e democratizando o poder na diocese, além de fortalecer a igreja local. A implantação desse projeto se fez necessária, pois, logo no início de seu bispado, D. Waldyr enfrentou diversos atritos com os militares, além de abrir espaço para uma maior participação do clero e dos leigos na vida da diocese.

Em Volta Redonda, cidade fundamentalmente operária onde o poder estatal sempre exerceu, desde sua formação, uma forte presença (MOREL, 1989), as CEB atuaram como polos de organização e mobilização popular, que canalizaram a indignação e a resistência popular ao autoritarismo imposto pela ditadura, bem como a denúncia de um modelo econômico injusto e excludente.

Ao discutirmos o nascimento e a atuação dessas comunidades que mudaram a estrutura da Igreja em Volta Redonda, é imprescindível, antes de tudo, destacar o papel de D. Waldyr, o incansável articulador desse grande projeto popular, e as lutas e os embates travados por ele e por toda a igreja local na defesa da liberdade e da organização popular, num contexto de ditadura e repressão política. Sua forte presença, animando e comandando a igreja diocesana, alterou profundamente sua face de aliada da dominação. Com o novo bispo, iniciou-se o corajoso projeto de implantação de uma Igreja efetivamente popular, inspirado nas orientações do Vaticano II e da Conferência de Medellín.

² A diocese de Volta Redonda foi uma das pioneiras nesse modelo de organização, que ocorreu paralelamente ao processo desenvolvido na arquidiocese de Vitória, no Espírito Santo. A antiga estrutura paroquial foi substituída pela articulação e união das cinco paróquias então existentes numa paróquia única (Volta Redonda), coordenada por um conselho.

Uma nova Igreja, presente no mundo, atuante na sociedade e preocupada com a defesa da justiça e dos verdadeiros valores evangélicos, começou a nascer nesse momento. Com o bispo Calheiros, a igreja local trilhou novos caminhos, alinhando-se aos setores progressistas da Igreja brasileira e estando em plena sintonia com as mudanças ocorridas naqueles últimos anos. Buscou-se a concretização de uma “evangelização transformadora” que, segundo Carlos Mesters, objetiva a construção de uma nova sociedade, com justiça e igualdade (*BOLETIM DIOCESANO*, n. 142, p. 10, 1979).

Esse posicionamento de D. Waldyr se espelhou na sua maneira de conduzir a diocese. No início dos anos 1970, a Igreja em Volta Redonda iniciou a grande experiência pastoral das comunidades eclesiais de base, vistas aqui como “a nova maneira de ser Igreja”, nascida das bases, uma verdadeira Igreja popular, que será o grande veículo de organização contra a ditadura e pela retomada dos espaços populares.

As mudanças preconizadas por D. Waldyr, no entanto, não agradaram os setores do clero e alguns fiéis locais. O trabalho das CEB na diocese nunca representou uma unanimidade, apesar de a Igreja ter optado pastoralmente pelas comunidades eclesiais de base e ser reconhecida nacionalmente por esse fato. Muitos padres e religiosos ligados a uma religiosidade tradicional, “pré-conciliar”, se opuseram sistematicamente ao novo projeto pastoral. Apesar das dificuldades, a Igreja de Volta Redonda começou a estar corajosamente ao lado dos pobres. O meio necessário para atingir esse objetivo foi a organização das comunidades eclesiais de base, como expressões da Igreja adaptada à realidade, valorização do leigo e conscientização do povo e do clero. O depoimento de um padre diocesano é sintomático dessa necessidade:

Para concretizar este objetivo devemos, sob risco de fracassar, dar prioridade, descobrir e incentivar, de qualquer jeito, as comunidades de base [*sic*], por todos os recantos da cidade³.

As CEB começaram a sair dos projetos para se tornarem realidade.

³ Avaliação da Paróquia-Cidade: Relatório da Comunidade de Santa Cecília, 2.10.1969.

Os dois primeiros anos do bispado de D. Waldyr, 1967 e 1968, foram sobretudo de adaptação e conhecimento da realidade diocesana. Esse período também foi marcado pela repressão e perseguição à igreja local (CASTRO, 1984).

Uma visão da Igreja de Volta Redonda desse período inicial, após a chegada do novo bispo, nos é dada por uma pesquisa realizada nas comunidades da cidade em 1969. Os dados apontam que a Igreja, nesse período, tinha uma forte ação voltada para as atividades pastorais internas, como preparação para o batismo, primeira comunhão, catequese e grupos de jovens, estudos bíblicos e, em menor escala, preparação para o crisma. Os dados nos mostram que a grande maioria dessas comunidades religiosas ainda se caracterizava como paróquias tradicionais: sacramentalistas, clericais, centralizadas e assistenciais.

Vale destacar que, nesse período, a realização da Conferência de Medellín movimentou a Igreja em toda a América Latina. Em Volta Redonda, essa conferência foi precedida por uma série de debates e encontros preparatórios que discutiam as experiências realizadas e as propostas concretas de ação. Seus reflexos na diocese foram extremamente benéficos e imediatos.

O nascimento das primeiras comunidades de base aconteceu a partir do momento em que os diocesanos refletiram e buscaram soluções para seus problemas. Com o intuito de despertar consciências, a diocese investiu profundamente na formação de grupos de reflexão, que se tornaram grupos de base, com uma ativa atuação na sociedade. Os embriões das futuras comunidades eclesiais de base começaram a ser formados nesse período.

Em 1973, a coordenação pastoral decidiu dinamizar esses grupos, valorizando e capacitando o leigo, visto como um elemento-chave na pastoral diocesana. A igreja local contou com o apoio de uma ativa e experiente assessoria de teólogos, sociólogos e educadores populares para atingir esse objetivo, como Lauro de Oliveira, Carlos Mesters, Leonardo Boff, Rioldo Azzi, João Batista Libanio, Clodovis Boff etc. A participação desses assessores externos, em sintonia com o conjunto de mudanças que ocorriam na Igreja brasileira, foi essencial para o incentivo do trabalho pastoral nesse período. Destacou-se ainda a participação de religiosas de diversas congregações que chegaram a Volta Redonda, a partir de 1970, estimuladas

pelo processo de renovação pastoral que se desenvolvia naquela cidade, englobando mudanças na liturgia, catequese, batismo e em outras pastorais. É importante destacar que fundamentalmente a construção das CEB no Brasil foi um trabalho das mulheres (NUNES, 2000; PAIVA, 1984).

Essas religiosas foram imprescindíveis na organização das incipientes comunidades de base. A febre de renovação que inspirou seus trabalhos estimulou-as a morar nas periferias da cidade, fazendo uma opção radical por uma vida de testemunho na pobreza⁴. Desenvolveram uma ação evangelizadora, conscientizadora e educadora por meio de uma experiência de aproximação direta com as comunidades e constituíram as chamadas comunidades inseridas nos meios populares.

Destacou-se, nesse contexto, a presença das religiosas da Congregação Sacramentinas de Jesus Crucificado, das dominicanas, das sacramentinas de Nossa Senhora, além da congregação Missionárias de Jesus Crucificado. Diversas comunidades foram acompanhadas por religiosas que preferencialmente se concentraram na cidade de Volta Redonda, atraídas pelo trabalho de renovação pastoral empreendido pelo bispo.

A partir de meados de 1976, um importante passo na formação dos agentes de pastoral foi os trabalhos desenvolvidos pela equipe Nova, especializada em assessoria a movimentos populares, com pedagogia inspirada no método Paulo Freire, que acompanhou a igreja diocesana até por volta de 1984.

4. O INÍCIO DAS CEB: A EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE DE SÃO SEBASTIÃO-RETIRO

No início de seu pastoreio, o bispo diocesano deu os primeiros passos ao encontro das camadas pobres, iniciando um grande movimento na comunidade São Sebastião, no Retiro,

⁴ Vale destacar que, em muitos casos, em Volta Redonda, os padres recebiam remuneração por seus serviços, algo em torno de dois salários mínimos, enquanto algumas religiosas não eram remuneradas, sendo mantidas por suas congregações. Segundo Nunes (2000), a ideologia do “serviço” pode explicar essa diferença e sua aceitação pelas religiosas, insinuando também discriminação na Igreja.

que se tornou o embrião do grande projeto das CEB. A participação das irmãs dominicanas também foi fundamental no trabalho desenvolvido nessa comunidade de São Sebastião.

Tendo que assumir a comunidade por causa da falta de um pároco local, no início de 1972, D. Waldyr formou um grande grupo com cerca de trinta pessoas da região. No início, a tarefa de cada um era percorrer o bairro, que foi dividido em 21 setores, para comentar o Evangelho do último domingo. Esse trabalho era acompanhado semanalmente pelo bispo, e sua evolução levou à formação de vários grupos de reflexão que discutiam subsídios preparados com temas levantados pela diocese.

No início de 1974, os frutos começaram a se tornar nítidos e apresentaram resultados altamente positivos, levando os leigos a assumir ministérios (batismo, liturgia, matrimônio, pastoral familiar etc.), além da formação e do acompanhamento de novas comunidades. Foi organizado o conselho pastoral comunitário que contava com a participação dos agentes de pastoral e do bispo. Todos os trabalhos eram planejados e avaliados por meio de assembleias que se realizavam duas vezes por ano⁵. Nesse período, a temática das CEB já era discutida e fazia parte da agenda de diversos grupos de reflexão, como um dos objetivos do trabalho que se desenvolvia (*BOLETIM DIOCESANO*, n. 28, março 1975).

Nesse ano, a comunidade passou a atuar sob orientação de religiosas e de Jacques Dusquene, padre-operário⁶ francês, que continuaram o trabalho iniciado por D. Waldyr. Nos dois anos posteriores, outros padres-operários (Pedro, André, Normando) se integraram à equipe, sendo responsáveis pela articulação da Ação Católica Operária (ACO) e Pastoral Operária (PO) e pela reorganização da Juventude Operária Católica

⁵ Essas assembleias bimestrais contavam com expressiva participação da comunidade local. A experiência da comunidade do Retiro também era observada por inúmeros padres e bispos interessados em conhecer o trabalho de renovação que ali se desenvolvia. Em 1974, por exemplo, um bispo uruguaio, da diocese de Salto, participou da assembleia dessa comunidade, impressionado com a evolução de trabalhos (*BOLETIM DIOCESANO*, n. 27-28, fev./mar. 1975).

⁶ A experiência dos padres-operários nasce na França, na década de 1950, quando vários padres optam pela vida operária. Em 1954, o projeto começa a encontrar barreiras no episcopado francês, que os proíbe de desenvolver qualquer vínculo sindical e trabalhar por mais de três horas. A metade deles se submete à pressão dos bispos, o que representa um retrocesso da experiência (VINCENT, 1998, p. 406).

(JOC), com amplo respaldo da Igreja⁷. A experiência dos padres-operários foi bastante interessante no processo de construção das CEB, produzindo uma rica experiência na pastoral social local.

5. AS CEB SE ESPALHAM PELA CIDADE

A partir desse processo, formaram-se os primeiros grupos de base na região que se espalharam por várias outras comunidades próximas. Percebeu-se a nítida articulação dos grupos de base, dos quais surgiam as primeiras comunidades eclesiais de base na periferia da cidade, conforme os planos da diocese (*BOLETIM DIOCESANO*, n. 43, p. 5, set. 1974), destacando-se as comunidades da Vila Brasília, Siderlândia, Açude, Belo Horizonte, Vila Mury, Jardim Cidade do Aço e várias outras (*BOLETIM DIOCESANO*, n. 34, 1974; n. 71, 1976). Segundo indica uma pesquisa realizada em 1976⁸, existiam em Volta Redonda aproximadamente 111 grupos congregando 1.825 participantes, num universo de 291 grupos, e 5.075 participantes em toda a diocese. Esses grupos já tinham uma participativa influência nos diversos bairros da cidade⁹.

Nesse período, preocupadas com o problema de sua realidade imediata, surgiram as chamadas comissões de bairro, isto é, grupos de leigos que atuavam no bairro, organizando e buscando soluções para os problemas do lugar. Esses grupos foram os responsáveis pelo que frei Álvaro Telhado (*BOLETIM DIOCESANO*, n. 91, p. 10, jan. 1977) chamou de “sacralização do cotidiano”. Pela união do “fato da vida” com o “fato da

⁷ Esses padres tiveram total liberdade de ação na diocese. Por causa do árduo trabalho na fábrica, eram liberados da responsabilidade de celebração de missas, batizados ou casamentos. Evidentemente tinham uma estrutura de vida diferente dos padres convencionais (*BOLETIM DIOCESANO*, n. 49, p. 4, mar. 1975).

⁸ Resultado da pesquisa feita com grupos de reflexão em 8 de outubro de 1976.

⁹ Nos outros bairros da cidade, o projeto também se afirmava. Na região do bairro Conforto, que reunia 17 comunidades, o trabalho era desenvolvido pelos padres Geraldo, Henrique e Guido, e existiam, nessa época, aproximadamente 55 grupos formados e outros 6 em processo de formação, vivenciando a mesma dinâmica das outras regiões da cidade. Um ano depois, em setembro de 1977, o número de grupos chegava a 80 (*BOLETIM DIOCESANO*, n. 109, p. 4, out. 1977; n. 83, p. 1, set. 1977).

Bíblia”, tornou-se possível, por meio da tomada de consciência de um fato cotidiano, avançar para o campo da consciência em relação a toda a sociedade.

Segundo Souza (1992), as CEB se articularam então como formadoras do movimento popular em Volta Redonda. Dentro das comunidades, nas periferias da cidade, foram nascendo comissões que atuavam intensamente tanto no espaço eclesial como no espaço político: comissões de visitas, de denúncias, de formação e informação, de justiça, de acompanhamento da Câmara Municipal etc. passaram a existir, travando lutas por melhores condições de moradia, transporte etc.

O final da década de 1970 marcou definitivamente a abertura, para a sociedade, dessas comunidades em parceria com o conjunto do movimento popular e sindical, o que significou a culminância do processo que se delineava desde o início desse período. Essas comunidades se articularam definitivamente com o movimento social e deixaram de ser o único canal de expressão e negociação da sociedade civil. Nesse contexto, é importante destacar que o Brasil, nesse final de década, vivia um clima de grande mobilização marcada pela crescente participação popular (ALVES, 1989). Nessa época, destaca-se, em Volta Redonda, a atuação dos professores da rede estadual e dos operários “peões”¹⁰ das empresas que prestavam serviços na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), que contribuíram decisivamente para este esforço de forjar mudanças, deflagrando históricas e inéditas greves, em sintonia com a conjuntura nacional do final dos anos 1970.

6. OS NOVOS RUMOS DA PASTORAL POPULAR EM VOLTA REDONDA

Em 1979, a Igreja avançou decisivamente no projeto de engajamento social das CEB, dedicando passos concretos e ex-

¹⁰ Como são denominados os trabalhadores com baixa especialização em todo o país. Esse termo significa “[...] aqueles que rodam e estão sempre no mesmo lugar”, em referência à situação vivida pela grande maioria da classe operária brasileira. Os trabalhadores de Volta Redonda começaram a utilizar essa expressão a partir dos anos 1970 (CENTRO DE MEMÓRIA SINDICAL, 1989, p. 15).

plícitos nesse sentido e consolidando-se em toda a cidade¹¹. Uma pesquisa realizada pelo Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais (1982) evidencia essa situação ao mostrar que as CEB contribuíram decisivamente para o nascimento de movimentos populares, desenvolvendo também um importante trabalho de conscientização política, uma atividade própria de sua atuação.

As CEB organizaram protestos e denúncias, participando de várias lutas e mobilizações na cidade como passeatas, protestos, abaixo-assinados etc.¹². As comissões de moradores transformam-se em associações de moradores, com o objetivo de organizar a população dos bairros. As comunidades de base cumpriram seu papel social, canalizando a insatisfação popular e fornecendo condições para organização e fortalecimento do movimento social em Volta Redonda. Nos bairros de periferia, elas continuam lutando para conseguir melhorias e serviços públicos que, na maioria dos casos, sem a sua participação, dificilmente chegariam àquelas regiões. Agora essas comunidades caminham juntas com esses mesmos movimentos que ajudaram a forjar.

As CEB também participaram decisivamente no universo das políticas partidárias, com a fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), e sindicais, com o fortalecimento da Oposição Sindical Metalúrgica, iniciada desde a chegada dos padres-operários franceses em 1974, como visto anteriormente.

¹¹ Nesse período, um importante passo foi dado no bairro Conforto. A saída dos quatro padres responsáveis pela área, transferidos para outra diocese, gerou, a princípio, uma situação complicada para a Igreja, que não possuía sacerdotes disponíveis para substituí-los. A situação foi resolvida com a transferência do padre-operário André Romary para aquele setor com um grupo de religiosas – Rufina, Eliete e Irene –, que assumiram os trabalhos pastorais. Pouco tempo depois, o processo de articulação das CEB naquela região já estava consolidado, inclusive com a formação de novas comunidades (Paraíso Baixo e Boa Vista 3) e associações de moradores (Paraíso Alto), além de comissões de moradores em diversas outras comunidades (*BOLETIM DIOCESANO*, n. 151, p. 2, 1979; n. 156, p. 3, 1979; n. 165, p. 3, 1979).

¹² O *Boletim Diocesano* de 1979 (n. 137-138, 145, 151, 158, 157, 165, 189) traz uma série de exemplos concretos que demonstram essas situações. Esses movimentos acontecem sempre num bairro periférico, onde o moradores se reúnem em torno do grupo de base para defender seus direitos, ou os militantes do grupo, após diagnosticarem a realidade que os cerca, decidem tomar posições para solucionar os problemas da comunidade, mobilizando os moradores (cf. também CENTRO DE ESTATÍSTICAS RELIGIOSAS E INVESTIGAÇÕES SOCIAIS, 1982). Isso também é evidenciado por Souza (1992).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as CEB, a igreja diocesana iniciou um longo processo de descoberta de sua identidade e de sua face humana. Numa cidade operária, controlada por uma empresa de aço, as comunidades de base defenderam os interesses populares e democráticos, levando a igreja local a ser fiel ao seu compromisso cristão e efetivamente a viver a “opção preferencial pelos pobres”. Esse processo de construção das CEB na cidade do aço, no entanto, apresentou dificuldades. Hotzz (1999) apontou que essa mudança pastoral ocorreu sobremaneira impulsionada pelo bispo e por parte do clero. Novaes (1993) enfatizou essa questão ao afirmar que, via de regra, para iniciar esse processo de renovação pós-conciliar, foram necessários o apoio do bispo local e a existência de um grupo de agentes de pastoral com projetos e recursos intelectuais diferentes daqueles vigentes no “universo intelectual popular”. Decorre daí a importância da formação e capacitação de lideranças populares, capazes de assumir plenamente também esse projeto.

A experiência das CEB, inicialmente organizadas no bairro do Retiro e nas periferias da cidade, representou o perfeito encontro da Igreja com as camadas mais baixas da sociedade, vivenciando assim a verdadeira opção pelos pobres. Por meio de encontros em grupos e dinâmicas cristãs, inicialmente com assessoria de religiosas, a formação de grupos de reflexão, que cada vez mais se encarnavam na realidade concreta da população e de suas carências, se espalhou por toda a cidade, fazendo nascer as primeiras comunidades eclesiais de base.

A longa trajetória das CEB ainda se descortina à nossa frente. Não sabemos o fim (é possível sabê-lo?). Se for certo que muita coisa foi realizada nas últimas três décadas, também é certo que há incertezas quando se olha para a frente: ainda há muito que fazer. No entanto, as dificuldades superadas e o testemunho corajoso de centenas de militantes anônimos e cristãos comprometidos escreveram a história das CEB em Volta Redonda. Com todos, estava a vontade e a coragem de lutar e implantar a metáfora do Reino de Deus, tempo-lugar de paz, justiça, solidariedade e igualdade. Aqui, agora, entre nós.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. H. M. *Estado e oposição no Brasil*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO (Org.). *Brasil: nunca mais*. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BOLETIM DIOCESANO. Volta Redonda, n. 137, p. 4; n. 138, p. 7; n. 145, p. 2; n. 151, p. 8; n. 157, p. 3; n. 158, p. 4; n. 165, p. 7; n. 189, p. 3; 1979.
- BOFF, L. *Igreja: carisma e poder*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CARAMURU, R. *Comunidade de base: uma opção pastoral decisiva*. Petrópolis: Vozes, 1967.
- CASTRO, M. de. *1964: conflito Igreja X Estado*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- CENTRO DE ESTATÍSTICAS RELIGIOSAS E INVESTIGAÇÕES SOCIAIS (CERIS). *A concretização da opção preferencial pelos pobres na regional de Volta Redonda*. Cidade: Ceris, 1982.
- CENTRO DE MEMÓRIA SINDICAL. *O Arigó: o pássaro que vem de longe*. Rio de Janeiro: Cedi, 1989. (Trabalhadores em luta, n. 1).
- EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.
- HOTZZ, P. Perfil sociológico da diocese. *Diocese de VR/BP – 75 anos Presente na Região Sul-fluminense*, Volta Redonda, 1999.
- MOREL, R. L. M. *A ferro e fogo. Construção e crise da família siderúrgica: o caso de Volta Redonda (1941-1968)*. 1989. Tese (Doutorado)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- NOVAES, R. Nada será como antes, entre urubus e papagaios. In: TEIXEIRA, F. L. *CEBs: cidadania e modernidade – uma análise crítica*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 89-155.

NUNES, M. J. R. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 57-79.

OLIVEIRA, P. R. de. CEB: unidade estruturante da Igreja. In: BOFF, C. et al. *As comunidades de base em questão*. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 162-176.

PAIVA, V. A Igreja moderna no Brasil. *Revista Religião e Sociedade*, ano 1, n. 13, Rio de Janeiro: Campus, 1984.

PRANDINI, F.; PETRUCCI, V. A.; DALE, R. (Org.). *As relações Igreja-Estado no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1988. v. 2-6.

SIDNEY, J. Igreja e mobilização popular. In: *Dossiê CPV-1985: comunidades eclesiais de base e movimento popular*. São Paulo: CPV, 1999.

SKIDMORE, T. *Uma história do Brasil*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

SOUZA, C. V. C. de. *Pelo espaço da cidade, aspectos da vida e do conflito urbano em Volta Redonda*. 1992. Dissertação (Mestrado)—Univeridade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

TEIXEIRA, L. F. C. *A gênese das CEBs no Brasil: elementos explicativos*. São Paulo: Paulinas, 1988.

VINCENT, G. Os católicos: o imaginário e o pecado. In: PROST, A.; VINCENT, G. (Org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 5, p. 366-397.

WANDERLEY, L. E. Comunidade de base e educação popular. *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 41, p. 23-35, 1981.